

O PROCESSO DE ASSIMILAÇÃO DA FALA E DA ESCRITA DO NATIVO BRASILEIRO E MOÇAMBICANO

**Débora Felipe Ramos¹, Jefferson de Melo Silva², Livia Serpa de Castro³, Lúcia
Maria Nazaré Alves⁴**

¹ Graduada em Direito pela FEAD - BH e graduanda em Letras – Português/Inglês, UEMG – Carangola, deboraframos2@gmail.com

² Graduando em Letras – Português/Inglês, UEMG – Carangola, jeffersonmesil2014@gmail.com

³ Graduanda em Letras – Português/Inglês, UEMG – Carangola, livinhaserpa@yahoo.com.br

⁴ Doutora em Literatura, Universidade Federal Fluminense, lidianazare@hotmail.com

Resumo - O presente trabalho propõe um estudo de perspectiva qualitativa sobre o processo de assimilação da fala e da escrita dos nativos brasileiros e moçambicanos, baseando seus padrões de ser e de viver naqueles europeus. Além disso, este trabalho aborda algumas considerações sobre os aspectos culturais de tais povos e o contato com seus colonizadores e, também, a imposição de uma língua e de uma escrita sobre os povos que não tinham nenhuma representação gráfica, sendo seus meios de comunicação extremamente orais, por isso, considerados povos ágrafos. O objetivo é evidenciar as relações às quais esses povos se submeteram e suas diversas contribuições para a formação, adaptação dos vocabulários e dos léxicos do Brasil e de Moçambique. Para autenticar este trabalho, foram feitas pesquisas de cunho bibliográfico, para assim, fundamentar e justificar esta pesquisa.

Palavras-chave: Brasil; Escrita; Língua; Moçambique; Nativo.

Área de Conhecimento: Linguística, Letras e Artes.

1 INTRODUÇÃO

Considerando a imposição da matriz portuguesa sobre os nativos brasileiros e moçambicanos, os quais já possuíam seus padrões de ser e de viver, inclusive, inúmeras línguas faladas e representações não gráficas, destaca-se o processo de assimilação da fala e da escrita destes povos que adaptaram suas línguas e todos os seus modos de vida à europeia.

Não obstante, antes da colonização, tais povos eram considerados povos ágrafos, pois não tinham nenhuma escrita que os representasse. Entretanto, a escrita e a língua dos portugueses, bem como seus padrões culturais nada importavam a eles, porquanto já tinham seus modos de viver, suas línguas bastante diversificadas, entre outros.

Vale ressaltar que o processo de assimilação dos nativos se deu com base nas observações durante os contatos com o colonizador que impuseram sobre eles sua língua e sua escrita, de forma que não tiveram outra escolha a não ser a submissão.

Os nativos aprenderam a dominar a língua e a escrita imposta sobre eles, aprendendo várias outras línguas, dentre elas, a língua geral, que se tornou o principal meio de comunicação entre o colonizador e o colonizado, inclusive entre os próprios nativos em sua sociedade.

Diante disso, o presente trabalho propõe um estudo sobre o processo de assimilação à qual os nativos foram submetidos, evidenciando sobretudo, as diversas contribuições no tocante aos vocabulários e léxicos brasileiro e moçambicano, para assim, fundamentar e justificar esta pesquisa.

2 METODOLOGIA

Estudo qualitativo sobre o processo de assimilação da fala e da escrita dos nativos brasileiros e moçambicanos, considerando o processo de imposição dos padrões culturais europeus sobre tais nativos, considerados povos ágrafos apenas por não terem uma escrita que os representasse. Para isso, foram aplicadas técnicas de coletas de dados utilizando o método qualitativo, a fim de definir, identificar, gerar hipóteses e evidenciar as informações bibliográficas, para assim, fundamentar o estudo realizado e justificar esta pesquisa.

3 COMPOSIÇÃO E EVOLUÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Em toda e qualquer língua, as palavras nascem e morrem, outras mudam de sentido e outras se adaptam, algumas se reúnem e outras se dispersam, outras ainda são substituídas, cortadas ou ampliadas, tudo isso porque uma língua acompanha diversos fatores, tais como: a cultura, economia, política, ciência, organização social, costumes e revoluções.

No caso do português brasileiro não foi diferente, pois esse idioma surgiu em decorrência de vários eventos, sobretudo, o de conquista das terras brasileiras por parte dos europeus (GUIMARÃES, 2005), atrelado ao contato linguístico de indígenas e africanos.

A sociedade linguística brasileira e a moçambicana foram compostas em meio às diversas transformações decorrentes da história de suas colonizações, a saber, o processo de imposição da cultura europeia (CÂNDIDO, 1999), que resultou em outro processo, o de mestiçagem da população.

Essas transformações culturais provocaram ou causaram condições favoráveis ou desfavoráveis aos indígenas e aos africanos que se inserem nesse emaranhado cultural, pois o processo de aculturação, por sua vez, influenciou diretamente os padrões de vida desses povos que influenciam diretamente à construção cultural do outro (SILVA et al. 2018), tornando suas culturas homogeneizadas.

O processo de aculturação atingiu os povos primitivos tanto brasileiros quanto africanos, e pode ser reconhecido na maneira como eles se vestem, constroem suas casas, no abandono de suas línguas (no caso dos índios brasileiros, pois os africanos mantiveram diferentes línguas crioulas) e outros fatores culturais em detrimento à imposição portuguesa (SILVA et al. 2018).

Todavia, nosso olhar sobre o índio deve ir mais além e não apenas para o que eles vestem. É necessário compreender o seu modo de ser, pois o andar descalço, os colares, as penas, o arco e fecha e outras características, utensílios e acessórios que eles usam não revelam totalmente quem são.

4 A ASSIMILAÇÃO CULTURAL DOS INDÍGENAS E AFRICANOS

A assimilação cultural dos índios e dos africanos, especialmente no que se refere à fala e escrita, deu-se com a chegada dos portugueses que importaram seus costumes e tradições a um povo ágrafo¹. Entretanto, todos absorveram os elementos culturais dos portugueses que trouxeram consigo não apenas suas manifestações culturais, mas também, sua própria língua.

Ao chegar às terras brasileiras, os portugueses se depararam com a diversidade de línguas dos índios, dentre elas, as de tronco tupi, cujas propriedades a diferenciava da metrópole portuguesa. Então, os colonizadores não poderiam executar seus ensinamentos para fins de catequização e dominação cultural em sua língua (português ou espanhol), do contrário, os indígenas não os entenderia. Foi por isso que utilizaram o Latim para atuarem em meio aos indígenas, tanto, que se tornou a língua geral ao longo dos séculos de colonização brasileira (SANTANA; MULLER, 2015).

Desta forma, a língua indígena no início do período colonial começou a ser influenciada pela portuguesa e pela africana; porém, os índios mantinham tanto sua língua nativa para se comunicarem entre si quanto a língua geral para se comunicarem com os portugueses (SANTANA; MULLER, 2015).

Por necessidade de comunicação com os portugueses, os indígenas foram substituindo aos poucos a sua língua pela portuguesa, aprendida pelas conversas que ouviam, criando, desde então, uma nova língua que passou a representar o poder social, econômico e cultural.

Dessa maneira, surgiu o conceito de língua geral que predominava principalmente nas regiões paulista e amazônica, ambas com características diferentes uma da outra. Essa língua foi o principal meio de comunicação na colônia, onde a maior parte da população ainda era indígena e deixou fortes marcas no vocabulário popular brasileiro.

No século XVII, a língua geral paulista que diferia um pouco da dos Tupinambás era falada pelos exploradores dos sertões (os bandeirantes) que levaram tal língua às áreas que os indígenas jamais pisariam, o que acabou influenciando na linguagem corriqueira dos brasileiros (ISA, 2018).

Já a língua geral amazônica, veículo da catequese, da ação social e política portuguesa e, também luso-brasileira, se desenvolveram entre os séculos XVII e XVIII. Ao final do século XIX, passou a ser conhecida também, pelo nome Nheengatu, que quer dizer “língua boa” (RAMANUSH, 2000).

Apesar de tantas transformações, o Nheengatu continua sendo falado nos dias de hoje e mantém o caráter de língua de comunicação entre os índios e outros povos de línguas diferentes (RAMANUSH, 2000).

5 A LÍNGUA GERAL COMO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO ENTRE ÍNDIOS, PORTUGUESES E AFRICANOS

¹ O termo ágrafo é usado para desconsiderar a escrita dos nativos, os quais não tinham nenhuma forma ou representação escrita, por isso, eram vistos como sem escrita e sem cultura.

A língua geral era derivada do tupi e tida como veículo de comunicação entre portugueses e nativos, adaptando-se à língua europeia e se desenvolvendo até chegar à língua escrita aprendida e dominada pelos índios que aderiram à nova língua imposta sobre eles, acarretando então, à mestiçagem do povo brasileiro e moçambicano.

O aprendizado da escrita em português permitiu aos indígenas exercerem sua cidadania e possibilitou acesso a conhecimentos de outras sociedades linguísticas; porém, é uma questão muito complexa, tornando-se necessário averiguar com bastante cuidado suas implicações.

O país começou a receber cada vez mais um maior número tanto de portugueses quanto de africanos escravizados, resultando no aumento da população portuguesa e africana no Brasil, de forma que a relação linguística entre portugueses e indígenas se estendeu para as línguas africanas (SANTANA; MULLER, 2015). Assim, formou-se a base da língua portuguesa brasileira e não apenas a língua portuguesa, mas também as línguas indígenas e as línguas africanas.

Embora não houvesse existido apenas um tipo de língua (portuguesa, indígena ou africana) no processo linguístico do Brasil-Colônia, os portugueses se viram como superiores aos indígenas, aos africanos e, inclusive aos seus descendentes nascidos aqui, pelas relações com autóctones e escravos.

Através da imposição cultural, a comunicação dos primeiros habitantes que antes era apenas oral, sem nenhuma forma de registro, até mesmo porque não tinham uma grafia para isso, passou a ter representatividade, principalmente porque o que antes não tinha registro passou a ter.

Evidentemente, os autóctones passaram de povos ágrafos para “alfabetizados”, pois aprenderam não só a língua dos portugueses, mas também, a escrevê-la, sobretudo, pelo processo de catequização dos jesuítas, que não apenas ensinavam a língua portuguesa e as outras línguas da terra, como também a elaboração de gramáticas.

Em Moçambique, o português é uma variedade que resulta dos acontecimentos histórico-sociolinguísticos e da diversidade cultural que predomina no país (TIMBANE, 2014) e, assim como no Brasil, sua língua está intimamente ligada ao processo de colonização ocorrido no século XV.

Os portugueses intentaram ensinar a língua portuguesa aos moçambicanos, porém, não obtiveram bom êxito, pois seus interesses não eram o de ensinar, mas sim, colonizar o país. Dessa forma, houve resistência por parte dos moçambicanos, uma vez que em Moçambique também já existia uma diversidade linguística espalhada pela extensão do país e, mesmo as línguas sendo ágrafas, sem escrita e sem representatividade, a oralidade abrangia toda a população.

Os colonizadores excluía as línguas africanas e utilizavam apenas sua língua como meio de comunicação, pois as africanas não os satisfaziam. Então chamavam as línguas faladas em Moçambique de “pretuguês”, de forma totalmente preconceituosa ou ainda, de língua dos pretos, língua do cão, landim, entre outras (TIMBANE, 2014).

Os portugueses buscavam sempre uma forma de dificultar a vida dos moçambicanos para que não tivessem acesso à educação formal. Esses eventos consolidavam cada vez mais a língua portuguesa, garantindo que quem a falasse era civilizado ou “assimilado”.

Os portugueses consideravam todas as línguas africanas como dialetos, pois tinham as mesmas competências que qualquer outra língua (gramática, léxico, morfologia, sintaxe):

[...] o emprego do termo dialeto, fora dos estudos científicos, sempre tem sido carregado de preconceito racial e/ou cultural. Nesse emprego, dialeto é uma forma errada, feia, ruim, pobre ou atrasada de se falar uma língua. Também é uma maneira de distinguir as línguas dos povos civilizados, brancos, das formas supostamente primitivas de falar dos povos selvagens. Essa separação é tão poderosa que se enraizou no inconsciente da maioria das pessoas. Inclusive das que declararam fazer um trabalho politicamente correto (BAGNO, 2011, p. 380).

O tráfico de escravos não necessitava de muitos investimentos e resultava em altos lucros, ideal para os colonizadores. Todavia, a importação de africanos escravizados não trouxe apenas força física para o Brasil, pois além disso, sobrevieram novas línguas, costumes e culturas que influenciaram na construção da sociedade brasileira.

Pela necessidade de comunicação com seus senhores e outros moradores da colônia, os africanos também se adaptaram à língua geral de origem indígena, pois quando desembarcaram no Brasil, foram separados de seus grupos linguísticos. Além de falarem o português, certas comunidades africanas no Brasil, assim como os indígenas, preservaram sua língua de origem, a qual se mantém viva no país até os dias de hoje.

A língua geral também passou a ser falada entre os colonos e apesar do número de falantes dessa língua (portugueses, indígenas e africanos), foi sofrendo drástica redução desde o início do período colonial, assim como as línguas africanas que foram se enfraquecendo com o tempo, mas sua

influência foi expressiva para a formação do português brasileiro, sobretudo, para os africanismos no âmbito do vocabulário.

6 A DECADÊNCIA DA LÍNGUA GERAL E A EMANCIPAÇÃO DO PORTUGUÊS

Teyssier (1982) expõe algumas razões que podem ter contribuído para a decadência da língua geral, entre as quais: a chegada de numerosos imigrantes portugueses pela descoberta das minas de ouro e diamantes; a proibição do uso da língua geral e obrigação da língua portuguesa e a expulsão dos jesuítas em 1759, afastando da colônia os principais usuários da língua geral, restando apenas um pequeno número de palavras integradas no português local.

A comunicação entre as populações indígenas, portuguesas e africanas influenciou no processo de construção de uma língua comum no início do século XIX, porém, com diferenças que não prejudicaram a comunicação entre os habitantes locais, propiciando a ampliação ou renovação do léxico brasileiro (SANTANA, MULLER, 2015), notadamente presente nas variações regionais, evidenciada pela manifestação acentuada de arcaísmos ou não, mas que faz parte da composição de uma dada norma regional.

Em relação ao léxico brasileiro, as diferenças se devem ao fato de muitas palavras tomarem outros sentidos ou serem incorporadas ao português a partir das línguas indígenas e africanas as quais mantiveram e ainda mantêm relações, ou seja, tais diferenças se devem tão somente às mudanças de termos para designar um mesmo objeto em regiões diferentes, como: mandioca, aipim e macaxeira que designam uma mesma raiz; abóbora e jerimum que nomeiam um mesmo legume, entre outras.

Isso é possível observar nos exemplos entre Brasil e Portugal:

BRASIL	PORTUGAL
Trem	Comboio
Ônibus	Autocarro
Bonde	Elétrico
Aeromoça	Hospedeira
caneta-tinteiro	caneta de tinta permanente
terno	Fato
Metrô	Metro
Pátula	corta-papeles
Banheiro	casa de banho
Calcinha	cuecas femininas
Câncer	Cancro
Carona	Boleia

Fonte: TEYSSIER, 2004, p. 108.

Vale ressaltar que essas mudanças ou variações não são controladas pelo falante, pois ocorrem no inconsciente e em função de variados fatores, dentre eles, o convívio com pessoas de diversos falares, levando o ouvinte a aprender, se não todos, pelo menos alguns deles.

Não obstante, o português já havia evoluído naturalmente como acontece com todas as línguas no decorrer do tempo. Podemos considerar então, uma das formas de tratamento que perdura até os dias de hoje no Brasil: o “você”, que é basicamente uma redução de “voismicê”, derivada de “vossa mercê”. Entretanto, essa palavra fora reduzida novamente, pelo menos na escrita *online*, pois nas redes sociais utiliza-se sua forma abreviada – “vc”.

Sendo assim, o português brasileiro simplificou o código de tratamento, de forma que o “vós” desapareceu, porém, o “tu” ainda é utilitário no extremo sul do país e em algumas áreas do Norte. No entanto, existem duas formas de tratamento: o “você”, usado no meio familiar e o “senhor (a)”, uma forma que expressa mais reverência (TEYSSIER, 1982).

Aos poucos, os brasileiros foram incorporando diversas palavras de origem indígena em seu vocabulário, entre eles, nomes de plantas, frutas e animais, como: abacaxi, caatinga, caju, capim, cupim, capivara, carnaúba, cipó, guri, ipê, jabuticaba, jacarandá, mandioca, maracujá, piranha, quati, sucuri, tatu, urubu, moqueca, Tijuca, etc. Inclusive, aquelas de origem africana, como: caçula, cafuné, molambo, moleque, vatapá, abará, acarajé, senzala, mocambo, maxixe, samba, além de algumas que passaram diretamente da África a Portugal e, posteriormente, foram introduzidas no país pelos portugueses, como a palavra inhame (TEYSSIER, 1982).

A influência da língua indígena também contribuiu para a criação de expressões, como “andar na pindaíba”, “estar de tocaia” e “cair na arataca” (TEYSSIER, 1982, p. 71), marca linguística e produto social de uma dada sociedade que sofreu várias situações de contato linguístico entre falantes da língua portuguesa, de línguas indígenas e outras africanas, resultando na diversidade linguística brasileira que ainda precisa ser estudada.

7 O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O AFRICANO

Após a independência do Brasil, muitos brasileiros pensavam que sem uma língua original jamais haveria uma nação original com sua própria cultura e literatura (TEYSSIER, 1982). Entretanto, há diversos fatores que permitem reconhecermos a originalidade da nação brasileira, dentre eles, a sua especificidade em reivindicar o português.

O português adquirido pela população brasileira desde o período colonial por meio da oralidade, é visto como uma língua estrangeira dominada pela sociedade, porém, sem ensino escolar. No entanto, o português europeu e o português brasileiro possuem aspectos distintos quanto o uso formal, as propriedades morfológicas e as lexicais que tornam difícil a compreensão de tais línguas, mas não impossível.

Além do português brasileiro utilizar muitas palavras adaptadas do inglês americano deixando de lado a sua raiz latina, não podemos nos esquecer das diversas transformações que os brasileiros fazem ao tornar substantivos em verbos, criando assim, novas palavras que os portugueses não usam, por exemplo, “dar os parabéns”, usado no Brasil e na Europa, porém, no primeiro, utiliza-se “parabenizar”.

Para muitos, uma língua é falada exatamente do mesmo jeito em diversos países, por exemplo, o português brasileiro e o português europeu. Entretanto, para os nativos são evidentes as diferenças entre um e outro, seja pelo sotaque, gramática, ortografia, discursos formal ou informal, ou pelo vocabulário que, em parte, se distancia do de Portugal.

Dentre essas diferenças, podemos citar a forma com que o português é falado no Brasil e na Europa, sendo que nesse, são ignoradas algumas vogais na pronúncia e, naquele, é mais fácil de se entender e aprender o português devido a sua pronúncia cheia de vogais abertas.

Na Europa, o português é fundamentado no latim, mantendo sua ortografia original e sendo mais resistente a mudanças. Entretanto, o português falado no Brasil e na Europa possui muitas particularidades. Muitas de suas regras gramaticais são idênticas, o vocabulário é bastante similar, o que diferencia é o sotaque, a herança cultural advinda pelo processo de imposição e outros fatores que corroboram para tais diferenciações.

Vale ressaltar que no Brasil podemos perceber tais diferenças em uma região e outra, denominadas de variações linguísticas que perduram desde o início da colonização, na qual houve o transplante da língua portuguesa para o Brasil que já era bastante diversificada.

No caso da África, a situação do português é bem diferente do Brasil, pois a língua portuguesa sobreviveu à descolonização do século XX, levando “à constituição de cinco repúblicas independentes: 1 – Cabo Verde; 2 – Guiné-Bissau; 3 – São Tomé e Príncipe; 4 – Angola; 5 – Moçambique” (TEYSSIER, 1982, p. 76), todas falantes de uma mesma língua, o português oficial.

Em Moçambique, o português se implantou mais como língua falada, ao lado de variadas línguas indígenas. Lá o português era bastante puro, apesar de alguns traços próprios, sobretudo, de arcaísmos, semelhantes aos encontrados no Brasil, talvez pelo distanciamento entre o português regional e o português falado na Europa, porém, com traços e características formais na fala e na escrita.

8 O PROCESSO DE ASSIMILAÇÃO DA FALA E DA ESCRITA DO NATIVO

O contato cultural entre indígenas, portugueses e africanos trouxe diversas mudanças para o país, sobretudo, no próprio modo de ser e de viver dos índios. Mas são necessários o reconhecimento e a valorização de suas identidades específicas, a compreensão de suas formas tradicionais de organização social, suas terras e de seus recursos naturais.

Por causa do contato com os portugueses, as mudanças foram inevitáveis. Assim, as comunidades indígenas alcançaram escalas inquietantes, por exemplo, no caso daqueles que perderam suas identidades culturais, suas línguas maternas e hoje falam apenas o português.

Antes, o autóctone era visto apenas como sujeito dos senhores europeus que não reconheciam sua cultura, porém, aprenderam “o domínio da língua portuguesa escrita”, intensificando “o processo de construção de sistemas alfabéticos escritos de suas próprias línguas de origem”. Assim, os indígenas mantiveram uma “profunda relação com a tradição oral” (GUESSE, 2011, p. 3).

A assimilação da fala e da escrita do português brasileiro se deve às contribuições dos indígenas e africanos que influenciaram bastante nesse processo, maiormente, por meio da comunicação diária entre eles e, também, pelo fato da sociedade brasileira ser adepta como variante da tradição civilizatória europeia, diferenciada apenas pelos coloridos herdados dos índios americanos e negros africanos. Esses coloridos passaram a ser marcados como características próprias do Brasil, porém, interligados à matriz portuguesa (RIBEIRO, 1995).

Em outras palavras, a sociedade brasileira unificou sua identidade cultural com as outras, europeias, americanas e africanas, sendo que a primeira foi pelo processo de imposição dos padrões de ser e de viver dos portugueses e as demais vieram aglutinadas e aos poucos, por meio do que chamamos de imigração, além de uma estar ligeiramente interligada à outra.

Mesmo assim, apesar das mudanças advindas da convivência com os colonizadores, alguns povos indígenas mantiveram suas identidades e se tornaram grupos diferenciados ou diversificados, porém, com tradições próprias.

Um dos elementos culturais absorvidos tanto pelos nativos brasileiros quanto pelos moçambicanos foi a escrita, cujo impacto causou mudanças significativas nas sociedades indígenas (FRANCHETTO, 2008) e africanas, principalmente, por serem sociedades de tradições orais.

A transformação de uma língua oral em uma língua escrita foi privilegiada pelo cruzamento e pelo entrechoque de ideologias e práticas sociais europeias e africanas que configuraram as mudanças e adaptações do novo sistema de escrita (FRANCHETTO, 2008).

Os autóctones não viam urgência nem necessidade em dominar a prática da leitura e da escrita, pois não era preciso. Se eles viviam sem representação gráfica antes da colonização, então, tudo isso não tinha nenhuma importância antes nem depois da invasão europeia.

Talvez a introdução de uma prática nova e diferente por parte dos portugueses tenha resultado em uma imposição de padrões ocidentais, o que levou os indígenas ao desinteresse pela tradição oral, levando a construção da diferença no interior da sociedade, por exemplo, entre letrados e não letrados (MEDEIROS, 2012).

Com o passar do tempo, a situação poderia mudar e os indígenas desenvolverem suas práticas de leitura e escrita, tornando-as precisas e desejáveis. Assim, a utilização da fala escrita significaria o enfrentamento às invasões do português europeu e conquista do seu próprio território.

Considerando todas essas informações, podemos conceituar o processo de assimilação dos primeiros habitantes como recíproco, uma vez que seus hábitos culturais foram influenciados diretamente pelos europeus e africanos, constituindo assim, novos hábitos culturais e miscigenados, resultantes do processo de imposição cultural.

9 CONSIDERAÇÕES SOBRE O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O AFRICANO

No que se refere à língua portuguesa brasileira, podemos considerar o contexto histórico para observarmos as diversidades linguísticas que já existiam na época, influenciadas pelo português de Portugal:

[...] o português europeu escrito/impresso; as variedades dos colonos oriundos das diferentes regiões de Portugal; o português dos índios, integrados em contato permanente com os portugueses; o português dos mamelucos nascidos da união de brancos e índios; o português dos negros crioulos e mulatos nascidos no Brasil; o português falado no complexo da casa grande e da senzala; o português das populações citadinas (OLIVEIRA, 2011, p. 34).

Entretanto, o contato de línguas no Brasil-Colônia desencadeou algumas mudanças repentinas na língua portuguesa, tão somente pela falta de veículos da língua escrita, que teria coibido tais mudanças na formação de tal língua. Assim, podemos perceber que as origens linguísticas “remontam às desigualdades sociais vigentes desde o período colonial” (OLIVEIRA, 2011, p. 35).

Depois da convivência entre portugueses, indígenas e africanos que revolucionaram as línguas faladas entre si, o português brasileiro passou por uma série de transformações de uso, de política, de território, de necessidades e, também, sofreu influência de várias línguas estrangeiras desde sua

origem latina, tornando-se uma língua com vocabulário gigantesco, inclusive com palavras totalmente diferentes, porém, com significados parecidos, ou vice-versa.

Esse fato resultou num português modificado tanto na sua pronúncia quanto no seu léxico. Não obstante, é necessário cuidarmos de sua permanência e continuidade, pois a língua portuguesa padece em meio a tantas influências excessivas de estrangeirismos e inclusão de palavras ou expressões ao vocabulário nacional que sufocam sua originalidade mútua.

10 CONCLUSÃO

Conclui-se que o processo de assimilação da fala e da escrita dos nativos brasileiro e moçambicano, caracterizados como povos ágrafos até antes da colonização, deu-se pelos diversos impactos causados pela imposição cultural dos portugueses. Tal imposição resultou na assimilação cultural dos padrões de ser e de viver europeus, principalmente da fala e da escrita desses povos, que antes da colonização já possuíam inúmeras línguas.

Entretanto, a necessidade de comunicação entre os indígenas, os portugueses e os africanos foi preponderante para que os nativos se submetessem a aprender a língua do outro, mesmo que ouvindo suas conversas diariamente. Não obstante, esse aprendizado movido pela imposição portuguesa em conjunto com a língua africana criou uma nova língua – a língua geral –, que se tornou o principal meio de comunicação entre o colonizador e colonizado e, também, entre os próprios nativos.

A língua geral entrou em decadência, pois em cada região do país, os nativos começaram a falar de formas diferentes, resultando assim, nas variações regionais. Tais variações se tornaram marcas registradas de cada região do Brasil, revolucionando o vocabulário português, modificando sua pronúncia e seu léxico, inclusive, formando novas palavras e expressões, influenciadas por indígenas e africanos.

Contudo, os primeiros habitantes aprenderam a dominar a fala e a escrita dos portugueses, passando de povos ágrafos para “alfabetizados”, porém, mantiveram suas línguas nativas para comunicação entre si, mas também utilizaram as outras adquiridas pelo processo de assimilação para com os portugueses e africanos.

11 REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **O que é uma língua?** Imaginário, ciência e hipótese. In LAGARES, X. C.; BAGNO, M. (orgs.). Políticas da norma e conflitos linguístico. São Paulo: Parábola, 2011.

CÂNDIDO, A. **Iniciação à Literatura Brasileira:** resumo para principiantes. São Paulo: Humanistas/ FFLCH/USP, 3. ed., 1999.

FRANCHETTO, B. **A guerra dos alfabetos:** os povos indígenas na fronteira entre o oral e o escrito. MANA, 2008.

GUESSE, É. B. **Da oralidade à escrita:** os mitos e a literatura indígena no Brasil. v. 2, n. 2. Uberlândia: EDUFU, Anais do SILEL, 2011.

GUIMARÃES, E. **A Língua Portuguesa no Brasil.** São Paulo: Scielo/ Ciência e Cultura, v. 57, n. 2, 2005. p. 24-28.

ISA. **Línguas.** Povos Indígenas do Brasil. Instituto Socioambiental, 2018. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/L%C3%ADnguas>>. Acesso em: 09, out. 2018

MEDEIROS, J. S. **Escola indígena e ensino de história:** um estudo em uma escola Kaingang da terra indígena Guarita/RS. Dissertação de Mestrado (universidade Federal do Rio Grande do Sul): Porto Alegre, 2012.

OLIVEIRA, T. **As modalidades oral e escrita da língua Portuguesa:** um tratamento sociolinguístico na escola. Brasília: UnB/ FE, 2011.

RAMANUSH, N. **Nheengatu-Tupi.** Universidade do Texas. Editora STS, 2000.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro:** a formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTANA, A. P.; MULLER, L. C. P. **A Língua Portuguesa no Brasil: percurso histórico linguístico.** Campo Grande: Revista Sociodiaeto, v. 3, nº 15, 2015.

SILVA, M. G. C. et al. **A influência do processo de assimilação e aculturação na formação da identidade dos povos indígenas no brasil** Disponível em: <https://editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV073_MD1_SA6_ID3038_29092017092434.pdf>. Acesso em: 09/11/2018.

TIMBANE, A. **Que português se fala em Moçambique?** Uma análise sociolinguística da variedade em uso. Revista Vocábulo, 2014.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa.** Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1982.